



O Espírito Santo: fonte de toda a liberdade.

Contribuições da pneumatologia a um importante aspecto da antropologia teológica.

Alessandro Rodrigues Rocha¹

Resumo

Queremos ao longo desse artigo tratar o tema da liberdade na perspectiva objetiva e subjetiva à luz do tratado da pneumatologia. Essa liberdade eclode do coração de homens e mulheres ganhando forma e eficácia nas estruturas que compõem a existência humana em perspectiva integral. É na espacialidade vital do Espírito que nós somos gerados como filhos de Deus, herdeiros de Cristo Jesus, irmãos uns dos outros, livres e libertadores.

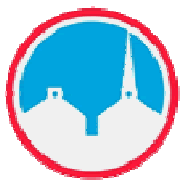
Palavras-chaves: Pneumatologia, Liberdade, Objetividade, Subjetividade.

Pois o Senhor é o Espírito, e **onde se acha o Espírito do Senhor aí está a liberdade**. E nós todos que, com a face descoberta, refletimos como num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nessa mesma imagem, cada vez mais resplandecente, pela ação do Senhor, que é Espírito². Não sabeis que sois um templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?³

¹ Teólogo e pastor batista, graduado em teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, especialista em Ciências da Religião (UGF), Especialista em Docência e Gestão do Ensino Superior (PUC-MG), Mestre em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e doutorando em Teologia Sistemática pela PUC-Rio. É autor dos livros: *Teologia Sistemática no horizonte pós-moderno* e, *Espírito Santo: Aspectos de uma pneumatologia solidária à condição humana*, os dois pelo selo Vida Acadêmica da Editora Vida.

² 2 Coríntios 3, 17-18. Grifo nosso.

³ 1 Coríntios 3, 16.



Introdução

Aqui se encontra a grande novidade da fé cristã: há liberdade aos homens e mulheres, e esta é possível em função da habitação que o Espírito faz em seus corpos quando fazem a experiência do Cristo. Articulada a essa novidade está um elemento de escândalo para qualquer mentalidade heterônoma: a liberdade não é uma conquista dos méritos que alguém possa adquirir diante de leis exteriores, mas o resultado da presença do Espírito do libertador, Aquele que gerou todas as coisas e as quer regenerar. Numa referência à liturgia judaica Paulo diz que estamos diante de Deus com a face descoberta. Livres para contemplarmos a Deus e por ele sermos contemplados⁴.

1 – O coração e o mundo como lugares da realização da liberdade.

Essa liberdade eclode do coração de homens e mulheres ganhando forma e eficácia nas estruturas que compõem a existência humana em perspectiva integral. Isso significa que, embora ela não tenha outro nascedouro senão o coração humano, não pode sobreviver senão o transbordar rumo aos limites da existência no mundo.

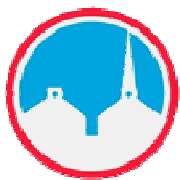
Num interessante diálogo entre os limites da liberdade humana, Carlos Drummond de Andrade nos coloca diante da afirmação de que nosso ser é mais vasto do que o mundo: pelo nosso coração – sentimentos e imaginação – somos maiores do que o mundo. Criamos outros mundos possíveis.

Poema de sete faces.

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! Ser *gauche* na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.

⁴ Conferir 2 Coríntios 3. 17-18.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus? Pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus,
se sabias que eu era fraco?

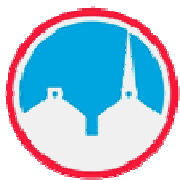
**Mundo mundo vasto mundo
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.**

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.⁵

Essa grandeza do coração humano é o nascedouro da liberdade. É exatamente em função da amplitude desse berço que a liberdade, tal qual criança saudável em desenvolvimento, não se deixa restringir a uma dimensão somente da existência. Como diz o apóstolo Paulo: “É para a liberdade que Cristo nos libertou⁶”. É preciso que não confundamos, porém, liberdade como um sentimento

⁵ANDRADE, Carlos Drummond. <http://www.memoriaviva.com.br/drummond/poema001.htm>. Visita em 11/01/2008. Grifo nosso.

⁶Gálatas 5, 1.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

que apazigua o coração e aliena o resto do corpo. Para vivermos libertos – nós e nossos companheiros e companheiras de caminhada – fomos libertados. Por isso, ao mesmo tempo em que reconhecemos que no coração criamos outros mundos, precisamos também compreender que um mundo que só existe no coração, não existe de verdade. Nada melhor do que um outro poema de Carlos Drummond para expressar essa ideia. Trata-se de um poema no qual o poeta reconhece que seu coração não é mais vasto do que o mundo, como ele imaginara:

MUNDO GRANDE

Não, meu coração não é maior que o mundo.
É muito menor.
Nele não cabem nem as minhas dores.
Por isso gosto tanto de me contar.
Por isso me dispo,
Por isso me grito,
Por isso frequento os jornais, me exponho cruamente nas livrarias:
preciso de todos.
Sim, meu coração é muito pequeno.
Só agora vejo que nele não cabem os homens.
Os homens estão cá fora, estão na rua.
A rua é enorme. Maior, muito maior do que eu esperava.
Mas também na rua não cabem todos os homens.
A rua é menor que o mundo.
O mundo é grande.

Tu sabes como é grande o mundo.
Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne e algodão.
Viste as diferentes cores dos homens,
as diferentes dores dos homens,
sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso
num só peito de homem... sem que ele estale.

Fecha os olhos e esquece.
Escuta a água nos vidros,
tão calma. Não anuncia nada.
Entretanto escorre nas mãos,
tão calma! Vai inundando tudo...
Renascerão as cidades submersas?
Os homens submersos – voltarão?
Meu coração não sabe.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

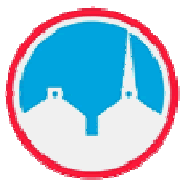
Estúpido, ridículo e frágil é meu coração.
Só agora descubro
como é triste ignorar certas coisas.
(Na solidão de indivíduo
desaprendi a linguagem
com que os homens se comunicam.)

Outrora escutei os anjos,
as sonatas, os poemas, as confissões patéticas.
Nunca escutei voz de gente.
Em verdade sou muito pobre.

Outrora viajei
países imaginários, fáceis de habitar,
ilhas sem problemas, não obstante exaustivas e convocando ao suicídio.
Meus amigos foram às ilhas.
Ilhas perdem o homem.
Entretanto alguns se salvaram e
trouxeram a notícia
De que o mundo, o grande mundo está crescendo todos os dias,
entre o fogo e o amor.
Então, meu coração também pode crescer.
Entre o amor e o fogo,
Entre a vida e o fogo,
meu coração cresce dez metros e explode.
- Ó vida futura! Nós te criaremos⁷.

Essa articulação entre o coração (subjetividade) e o mundo (objetividade) coloca o real problema para a afirmação da liberdade. Liberdade é coisa para o ser inteiro; ela não sobrevive se encontrar guarida só num pedaço da vida. Isso nos recoloca na discussão sobre a vitalidade da experiência cristã geradora do fruto primaz da existência pneumática. Podemos nos assegurar da integralidade da liberdade derivada da experiência cristã somente na medida em que essa experiência repetir a própria vida que o Cristo viveu na força do Espírito. O homem dos pés empoeirados que viveu como nosso irmão, esse foi verdadeiramente livre.

⁷ ANDRADE, Carlos Drummond. <http://www.memoriaviva.com.br/drummond/poema001.htm>. Visita em 11/01/2008.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

A vitalidade da experiência cristã depende diretamente dessa liberdade que Cristo Jesus adquiriu uma vez por todas. Tanto é assim que Paulo afirma: “É para a liberdade que Cristo nos libertou⁸”. E contra qualquer ameaça a essa liberdade ele diz: “Permanecei firmes, portanto, e não vos deixeis prender de novo ao jugo da escravidão⁹. Mesmo estando continuamente ameaçados pelas diversas tentações de alienação da liberdade, o Espírito - fonte de toda a liberdade - “socorre a nossa fraqueza¹⁰”, recordando-nos continuamente que não recebemos um espírito de escravos, mas um espírito de filhos¹¹. E, que “o próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus (...) somos também herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo¹². Nisto consiste nossa liberdade!

Essa liberdade que é dada a homens e mulheres pela habitação do Espírito aguarda de cada um a abertura e acolhimento a fim de que se realize em suas subjetividades, e por transbordamento, na objetividade de suas relações. A liberdade comunicada no Dom de Deus aos corpos mortais há de se realizar na conformação ao Cristo, em seu seguimento.

Para aqueles que se tornaram solidários com o crucificado, deus reservou a liberdade e a vida:”a lei do espírito, que dá a vida em Jesus Cristo, nos libertou da lei do pecado e da morte” (Rm 8.2). A comunidade cristã é animada, gerada e sustentada pela própria presença de Deus – o Espírito de Deus que renova toda a criação, Espírito de liberdade e vida. Ora, se somos portadores do Espírito de Deus, então há esperança, vale a pena lutar – pois não estamos sozinhos. Deus está conosco, Emanuel! Cabe à comunidade cristã resistir ao projeto de morte, à presença a ao poder do pecado na existência humana na história¹³.

⁸ Gálatas 5,1.

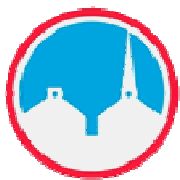
⁹ Gálatas 5, 2.

¹⁰ Romanos 8, 26.

¹¹ Conferir Romanos 8,15.

¹² Romanos 8,16-17.

¹³ ZABATIERO, Julio P. Tavares. Reescrever a espiritualidade na vida: uma proposta para a leitura de Romanos 5-8. Em: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis/São Bernardo do Campo/São Leopoldo, n. 30, p. 72, 1991.



Essa liberdade que homens e mulheres têm diante de Deus e de si mesmos pode inclusive impossibilitar sua efetiva realização. Isso é facilmente percebido no curso da história¹⁴, também da história das instituições eclesiais¹⁵. Isso significa que não há uma perene liberdade que se conquista de uma vez por todas. Antes, o Espírito, que é fonte dessa liberdade, nos convoca a fazê-la realizada continuamente. O Espírito de Cristo que inaugura em nós a vocação para a liberdade refontiza-a todas as vezes que isso for necessário.

Essa construção histórica da liberdade – que tem sua fonte no Espírito – está em convergência com a eventualidade que nos constitui. Como homens e mulheres intrinsecamente históricos só podemos fazer experiências de liberdade compatíveis com essa condição. Porém, além dessa intrínseca condição na qual nos encontramos, somos também seres de transcendência. Nesse sentido a liberdade está diante de nós como um projeto, ganhando dessa forma seus contornos escatológicos.

2 – Dimensões da liberdade que nascem da presença do Espírito.

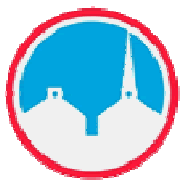
Jurgen Moltmann faz uma brilhante articulação entre as dimensões histórica e escatológica da liberdade. Ele relaciona as experiências da fé cristã com o tema da liberdade da seguinte maneira: *fé-subjetividade, amor-comunhão e esperança-futuro*¹⁶. As virtudes teológicas (fé, amor e esperança) ganham espaço de incidência nas dimensões temporais e supra-temporais (subjetividade, comunhão e futuro) da existência humana¹⁷.

¹⁴ Sobre a discussão acerca da liberdade como coisa possível e mesmo desejada, em nível filosófico, ver BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. O primeiro capítulo, dedicado ao tema da emancipação do indivíduo operada na modernidade, há uma boa discussão sobre as dimensões objetiva e subjetiva da liberdade.

¹⁵ No campo da discussão acerca da liberdade no espaço eclesial merece destaque a célebre obra *Igreja carisma e poder*, de Leonardo Boff. Nas últimas edições estão, inclusive, os documentos posteriores aos problemas causados ao autor. BOFF, Leonardo. *Igreja carisma e poder*. São Paulo, Ática. 2000.

¹⁶ Conferir MOLTSMANN, Jurgen. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 114-120. Toda essa construção Moltmann faz à luz do seguinte título: “O Espírito que liberta para a vida”.

¹⁷ *Idem*, p. 114.



2.1 – Dimensão fé-subjetividade.

Em primeiro lugar, nesse multifacetado projeto de vida instaurado pelo Espírito, está a dinâmica fé-subjetividade. Aqui, a fé age como liberdade da subjetividade. Nesse sentido Jurgen Moltmann diz:

A fé muitas vezes é entendida apenas como uma concordância formal com a doutrina da Igreja (...) Mas a fé libertadora é uma fé que nos envolve pessoalmente. A verdade que me faz livre é a verdade com a qual eu concordo porque eu mesmo a compreendo, não porque a isto seja forçado por tradição ou por hábito (...) Fé, portanto, significa ser criativo com Deus e no seu Espírito. Crer leva a uma vida criativa e vivificante pelo amor lá onde reina a morte e onde os homens a ela se entregam resignadamente¹⁸.

A experiência Cristã da fé não pode significar o domínio sobre ela como quem conhece algo a partir de uma experimentação¹⁹. Antes, a fé precisa ser um “estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente²⁰”. Essa experiência não se dá em determinada dimensão da vida, ou sequer se oferece a um ou outro sentido, antes é “o ato mais íntimo e global do espírito humano²¹”. “Ela ultrapassa cada uma das áreas da vida humana, ao mesmo tempo em que se faz sentir em cada uma delas²²”.

Essa foi uma das mais importantes conquistas da Reforma protestante (que de uma forma geral é a conquista da modernidade): romper com uma vivência cristã objetivista, onde a adesão a conteúdos

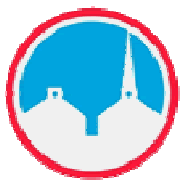
¹⁸ MOLTSMANN, *O Espírito da vida*, p. 115-116.

¹⁹ Michel MESLIN trabalha essa questão nos seguintes termos: “A língua portuguesa apresenta nesse ponto uma lacuna que não lhe permite distinguir entre o que é apreendido, percebido, conhecido pelo sujeito através de uma experiência que lhe é pessoal e que poderíamos qualificar de experimental, daquilo que é experimentado, quer dizer, conhecido pela observação repetida e controlada dos fatos renovados. Uma tal distinção indispensável para a análise da experiência religiosa, como veremos, é, ao contrário, bem destacada pela dupla expressão germânica *Erfahrung/Erlebnis*: o primeiro termo designa um conhecimento derivado de uma prática, o segundo qualquer evento ou fato vivido e experimentado por uma pessoa”. Em: *A Experiência Humana do Divino*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 86.

²⁰ TILLICH, Paul. *Dinâmica da Fé*. São Leopoldo: Sinodal, 2000, p.5.

²¹ *Idem*, p. 7.

²² *Idem*, p. 8.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

ou a práticas piedosas eram sempre realizadas impositivamente pela instituição, e afirmar a subjetividade como lugar específico para a realização do nascedouro da liberdade. Os princípios da *sola fidei* e do sacerdócio universal de todos os crentes, são plenamente compreendidos à medida que percebemos que eles afirmam uma nova forma de ser no mundo, a partir de uma nova forma de adesão à fé²³.

Em si a experiência da fé não significa necessariamente experiência de cognição, exatamente porque isso demandaria a apreensão do conhecido. Ela é, sobretudo, um ser apreendido nas teias do sagrado²⁴. Essa experiência não é irracional, porém, sua racionalidade não opera segundo os cânones da razão iluminista. Como afirma Paul Tillich:

Fé não é, portanto, um ato de forças irracionais quaisquer, assim como também não é um ato do inconsciente; ela é, isto sim, um ato em que se transcendem tanto os elementos racionais como não-racionais da vivência humana²⁵.

A superação da vivência objetivista da fé abre espaço para a afirmação da pessoa como um sujeito de sua relação com Deus e com a realidade. Assim se pode assumir a própria existência como lugar e morada do Espírito. Torna-se possível afirmar homens e mulheres como seres de abertura, seres que respondem positiva ou negativamente o convite de Deus feito no Cristo pela terna e potente presença do Espírito. A fé é lugar de libertação da subjetividade.

²³ Conferir ALTMANN, Walter, *Lutero e Libertação*. São Paulo/São Leopoldo: Ática/Sinodal, 2002, p. 27-42.

²⁴ Rudolf OTTO identifica o sagrado como “um elemento de uma qualidade absolutamente especial, que se coloca fora de tudo aquilo que chamamos de racional... constituindo assim algo inefável”. Em: *O Sagrado*: um estudo do elemento não-racional na ideia do divino e a sua relação com o racional. São Bernardo do Campo: Metodista, 1985, p. 156. Mircea ELIADE diz que “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano”. Em: *O Sagrado e o Profano*: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.17.

²⁵ TILLICH, *A dinâmica da fé*, p.9.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

O homem é impelido para a fé ao se conscientizar do infinito de que faz parte, mas do qual ele não pode tomar posse como de que uma propriedade. Com isso está prosaicamente formulado aquilo que ocorre no curso da vida como “inquietude do coração”²⁶.

Essa “inquietude do coração” é o sinal de despertamento que homens e mulheres quando se percebem seres de liberdade. Essa obra da fé que inquieta o coração possibilita a criatividade. Somente o ser que faz a experiência da liberdade é capaz de participar criativamente (como quem cria) da feitura e realização da realidade. Nesse sentido Jurgen Moltmann comenta:

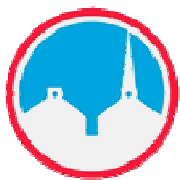
Pela fé abrem-se as inesgotáveis forças criadoras de Deus no homem. Fé, portanto, significa ser criativo com Deus e no seu Espírito. Crer leva a uma vida criativa e vivificante pelo amor lá onde reina a morte e onde os homens a ela se entregam resignadamente. Crer desperta confiança em possibilidades ainda não realizadas no homem, na própria pessoa e nos outros. Crer, por isso, significa ultrapassar os limites da realidade dada e determinada pelo passado e buscar as possibilidades de vida que não se realizaram. “Todas as coisas são possíveis àquele que crê”: neste sentido os que creem se transformam em “pessoas de possibilidade”. Paulo ainda vai mais longe, quando ele diz a respeito dos fieis que vivem das forças do Cristo ressuscitado: “Tudo é vosso, mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus” (1cor 3,22s)²⁷.

2.2 – Dimensão amor-comunhão.

Uma segunda dimensão da liberdade na perspectiva da fé cristã, segundo Jurgen Moltmann, é a que se afirma na dinâmica amor-comunhão. O amor é o fundamento para o transbordamento da liberdade para além do coração. A liberdade, que no coração encontra sua expressão de subjetividade, quando se objetiva no mundo da realidade precisa visar a construção da comunhão para que não se torne a opressão do outro. Isso só o amor pode fazer. Não basta ser livre o coração, também os corpos – do eu e do outro – precisam sê-lo.

²⁶ *Idem*, p.11.

²⁷ MOLTSMANN, *O Espírito da vida*, p. 115-116.



O primeiro significado de liberdade que nos é conhecido da história política define liberdade como dominação (...) Mas aquele que entende liberdade como dominação, este só pode ser livre à custa dos outros. Sua liberdade significa para os outros opressão (...) ²⁸ Torno-me verdadeiramente livre quando abro minha vida aos outros e a compartilho com eles, e quando outros abrem sua vida para mim e compartilham-na comigo²⁹(...) Liberdade como domínio destroi a vida. O domínio não manifesta a verdade da liberdade, mas sua “mentira”. A verdade da liberdade humana está no amor que quer a vida³⁰.

A liberdade do coração (subjetividade) e dos corpos (objetividade), na perspectiva cristã, nasce da mística e se afirma como uma espiritualidade da vida. Quando Paulo diz que onde está o Espírito há liberdade, ele está apontando para um caminho aos que quiserem se colocar no seguimento de Jesus, ele está afirmando a necessidade de assumir uma existência pneumática³¹. Após afirmar que onde se encontra o Espírito se encontra também a liberdade, o apóstolo continua: “E nós todos que, com a face descoberta, refletimos como num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nessa mesma imagem, cada vez mais resplandecente, pela ação do Senhor, que é Espírito³²”.

Dois detalhes parecem importantes na argumentação de Paulo sobre os efeitos da presença do Espírito-liberdade. O primeiro é a afirmação que diante desse Mistério revelado estamos com a “face descoberta”. Sobre esse detalhe José Comblin comenta:

Quem se dirige para Deus tira o véu porque Deus é Espírito. A ausência do véu é consequência dessa liberdade, franqueza total. Os cristãos, os ministros

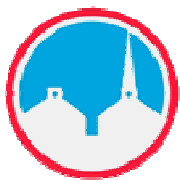
²⁸ MOLTSMANN, *O Espírito da vida*, p. 117.

²⁹ *Idem*, p. 118.

³⁰ *Idem*, p. 119.

³¹ Há aqui um detalhe muito importante: quando Paulo trata do tema do homem carnal (homem sárkico) e do homem espiritual (homem pneumático) ele não está pensando a partir de uma matriz dualista, própria da cultura helênica, onde existência carnal ou sárkica corresponde ao corpo e existência espiritual ou pneumática corresponde ao espírito. Paulo pensa a antropologia a partir da matriz hebraica, onde o humano é visto numa perspectiva integrada. Neste sentido homem carnal ou homem espiritual são homens e mulheres fechados ou abertos ao Deus que revela no Cristo.

³² 2 Coríntios 3,18.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

autênticos, não têm véu, porque procedem de Deus com o Espírito e podem falar com toda franqueza³³”.

A presença do Espírito coloca uma pessoa diante da outra sem véu. Isto significa estar desnudo diante de uma face desnuda. Neste sentido a face do outro interpela o eu na mesma medida em que a face do eu interpela o outro. Aí, e somente aí, é possível o amor-comunhão que cria a objetiva liberdade, aquela que não oprime, antes, liberta.

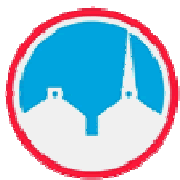
O segundo detalhe importante na argumentação de Paulo é a afirmação que ele faz sobre a transfiguração que os que estão desnudos diante do Outro experimentam. Em que são transfigurados os que encontram a liberdade do Espírito? No próprio Cristo de Deus. No Espírito somos cristificados. Nele experimentamos o amor que nos insere na dinâmica da liberdade e da libertação.

A liberdade é, portanto, a expressão plástica do amor. É o amor que antecede toda real expressão de liberdade. Somente o amor opera o que é necessário à liberdade: o descentramento. Só o amor nos liberta da prisão que podemos nos tornar para nós mesmos. Essa força capaz de gerar a liberdade tem seu nascedouro numa fonte límpida, quem sabe a mais límpida fonte que o ser humano conheça: a mística.

O amor é fruto da mística³⁴! Isso significa que a nascente dessa água que jorra para regar as sementes de liberdade é o Espírito do Cristo de Deus. É isso propriamente que constitui a existência pneumática: ser livre para construir com o outro o nós – que é um “lugar” além do eu e aquém do tu. Como afirma Jurgen Moltmann: “O outro deixa de ser para mim a barreira e passa a ser o

³³ COMBLIN, José. *Segunda Epístola aos Coríntios*. Série: Comentário bíblico. Petrópolis/São Bernardo do Campo/São Leopoldo: Vozes/ Imprensa Metodista/ Sinodal, 1991, p. 71.

³⁴ Conferir BOOF, Leonardo & BETTO, Frei. *Mística e espiritualidade*. Rio de Janeiro. Rocco, 2003. p. 142-146.



complemento de minha liberdade³⁵”. A liberdade que revela o amor e, que está onde o Espírito se encontra, funda a lógica da comunhão, superando dessa forma o princípio da divisão.

“Divide et impera”, este é o velho conhecido método do domínio. Enquanto liberdade significar domínio, temos que separa tudo, temos que isolar, individualizar e distinguir para podermos dominar. Mas quando a liberdade se chama comunhão nós experimentamos a união de todas as coisas que estavam separadas. A alienação entre homem e homem, a separação entre a sociedade humana e a natureza, a divisão de corpo e alma, e por fim o medo religioso – tudo isto é suprimido, e nós experimentamos libertação quando voltamos a ser uma só coisa uns com os outros, com a natureza e com Deus. Liberdade como comunhão é, portanto, um movimento contrário à corrente da história das lutas pelo poder³⁶.

2.3 – Dimensão esperança-futuro.

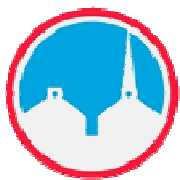
A terceira dimensão da liberdade é marcada pela dinâmica esperança-futuro. A liberdade que nasce no coração e transborda para fazer germinar a comunhão do “nós”, encontra sua plenitude na realização de uma finalidade comum.

Depois do encontro comunitário que supera a relação *sujeito/objeto* pela *sujeito/sujeito*, é preciso ainda dirigir a comunhão do “nós” à construção de um futuro comum. Em termos cristãos esse futuro comum, que se identifica com o reino de Deus, tem duas etapas: aquela que podemos construir aqui onde vivemos (o “já”) e, aquela que aguardamos como culminância de toda realidade (o “ainda não”). Para ambas, faz-se necessária a virtude teologal sem a qual ficamos prisioneiros do determinismo social e religioso: a esperança.

A determinação da liberdade pela fé cristã ainda nos leva além da liberdade como comunhão. Caracterizamos a fé dos cristãos essencialmente como esperança da ressurreição. Liberdade, à luz desta esperança, é a paixão criadora pelo possível (...) A gente deseja realizar novas possibilidades

³⁵ MOLTSMANN, O *Espírito da vida*, p. 118.

³⁶ *Idem*.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

jamais imaginadas. Por isso a gente se volta com ímpeto e paixão para a frente³⁷.

A esperança livra a liberdade da possível estagnação das relações que se esgotam no imediato. Ela produz a “força criativa” capaz de gerar projetos de plenificação do reino de Deus e de seus valores. Na perspectiva de Paulo essa esperança é revelada aos homens e mulheres como uma nova forma de ser, pelo próprio Cristo. “Cristo em vós, a esperança da glória³⁸”.

O dizer que “em Cristo fundamos nossa esperança” não pode, de forma alguma, ser reduzido a uma expressão da escatologia “do quanto pior melhor”, onde as desgraças deste mundo antecipam a vinda gloriosa de um mestre que pouco se importa com a sorte de seus seguidores - que por sua vez também não se importam muito pela sorte de seus companheiros de caminhada. Antes, fundamentar a esperança em Cristo é trazer a ressurreição para o centro da história como antecipação escatológica³⁹. É fazer da vitória da ressurreição o princípio motriz da esperança de realização das vitórias possíveis na história.

A ressurreição de Jesus representa um triunfo de sua vida. O que ressuscita não é somente um cadáver, antes, o túmulo vazio testemunha a vitória de Jesus, de suas escolhas, de sua mensagem, dos projetos de vida que essas mensagens deflagraram, das novas experiências comunitárias que surgiram a partir de seu testemunho... A partir da experiência da ressurreição tudo isso pode ser antecipado já no horizonte da existência de homens e mulheres.

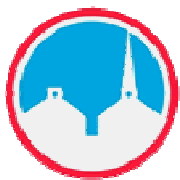
Como afirma Paulo: “Nós, com efeito, aguardamos, no Espírito, a esperança da justiça que vem da fé. Pois, em Cristo Jesus, nem a circuncisão tem valor, nem a incircuncisão, mas a fé agindo pela caridade⁴⁰”. A liberdade, portanto, se completa nessa tríade: nasce na fé que libera a subjetividade,

³⁷ MOLTSMANN, O *Espírito da vida*, p. 119.

³⁸ Colossenses 1, 27.

³⁹ Conferir MOLTSMANN, Jurgen. *Teologia da Esperança*. São Paulo: Teológica, 2005, p. 167-358.

⁴⁰ Gálatas 5, 5.



se concretiza objetivamente no amor que possibilita a comunhão e, se estende na história – e para além dela – na esperança que qualifica o futuro.

Refletindo ainda o pensamento de Jurgen Moltmann vale à pena considerar a seguinte afirmação:

Se a esperança impele a fé à reflexão e à vida, como esperança escatológica ela não pode se distanciar das esperanças orientadas para metas inferiores e alcançáveis, para as mudanças visíveis na vida humana, a ponto de tudo reservar a um outro reino que é seu próprio futuro supraterrâneo e puramente espiritual. A esperança cristã se orienta para o *novum ultimum*, à nova criação de todas as coisas pelo Deus da ressurreição de Cristo. Com isso ela abre um horizonte futuro, vasto e amplo, que inclui até mesmo a morte, e dentro do qual pode e deve inserir também as esperanças e renovações limitadas da vida, suscitando-as, relativizando-as e dando-lhes a verdadeira perspectiva⁴¹.

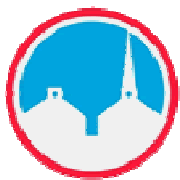
A história, portanto, não está para nós como “vale de lágrimas” onde “suspiramos, gemendo e chorando”... A partir de Cristo ela é lugar da antecipação da ressurreição. Neste sentido podemos pensar o futuro como espaço de construção do reino. Para tanto, nos assegura Paulo que “a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado⁴²”. Por isso faz muito sentido o que canta o profeta poeta, aliás, um dos poucos que nossas Igrejas conhecem.

Cantando a Liberdade.

Tem maior anseio de ser livre
quem sofreu na pele a escravidão;
magoado ele sobrevive,
marcado pela rejeição.
Dizem que é aqui pátria amada,
generosa terra e mãe gentil,
porém, ainda escravizada,
padece parte do Brasil.
Sobe da favela um grito,
gemem os trens na Central,

⁴¹ MOLTSMANN, *Teologia da Esperança*, p. 41-42.

⁴² Romanos 5, 5.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

chora o coração aflito,
passa o tempo e fica o mal.
Mas eu sei que ainda vai chegar o dia da justiça
que vem nas asas claras da manhã,
um fogo que se acende e atíça,
tornando essa ferida sã.
Nesse dia os bosques terão vidas,
mais amores, flores pra espalhar,
e a nossa gente, mais garrida,
cantando a liberdade irá.
Liberdade...
João Alexandre Silveira⁴³

Conclusão.

Dizer que “onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade⁴⁴”, não é, portanto, proclamar somente uma sentença teológica, mas encarar a vida em todas as suas dimensões de extensão, profundidade e transcendência como caminho de humanização. Não há um instante mágico que faça de nós homens e mulheres plenamente humanos. Antes, essa humanização é o projeto de uma existência que vai sendo gerada (e quando necessário regenerada) no seio materno e acolhedor do Espírito.

É na espacialidade vital do Espírito que nós somos gerados como filhos de Deus, herdeiros de Cristo Jesus, irmãos uns dos outros, livres e libertadores. É nesse seio gentil que se retrai para nosso surgimento e afirmação, que podemos contemplar a presença de Deus em nossos corpos mortais. Pois o Espírito infunde Deus em nós.

Alessandro Rodrigues Rocha

<http://lattes.cnpq.br/1906151779811112>

souprotestante@gmail.com

⁴³ JOÃO ALEXANDRE Silveira. *Cantando a liberdade*. Em: Simplesmente João. Gospel Records. Grifo nosso.

⁴⁴ Conferir 1 Coríntios 3, 16.